

RUBEM BRAGA

PETRÓLEO

HÁ tanto boato e tanto mistério em torno das ofertas comerciais da Rússia ao Brasil que a gente acaba sem saber o que pensar. A paixão política distorce os fatos, quando simplesmente não inventa coisas. Para certo grupo, qualquer negócio com a Rússia é um perigo, uma traição, uma desgraça; para outro, nossa salvação está no intercâmbio com a Rússia e os países seus aliados. Não duvidamos da sinceridade de ninguém, mas acreditamos, sem esperar milagres de nenhum santo vermelho, que nosso interesse fundamental é comerciar com a Rússia e com todos os outros países do mundo.

Um telegrama da «Associated Press» fala do interesse da Rússia em fornecer aos países da América do Sul, inclusive e principalmente o Brasil, meios de desenvolver rapidamente sua indústria petrolífera. Não sabemos quais foram as ofertas russas nesse sentido, nem mesmo se houve essas ofertas. Mas não vemos motivo para alarma diante dessas «manobras soviéticas» destinadas a «quebrar a unidade do bloco ocidental».

Vamos devagar. Não existe, em matéria de petróleo, unidade alguma do bloco ocidental. Pelo contrário, o que existe é guerra; guerra muitas vezes surda, mas antiga e encarniçada. Nós do Brasil nunca recebemos nem dos Estados Unidos nem de qualquer outra potência ocidental a menor ajuda para desenvolver nossa indústria petrolífera. Muito pelo contrário a política americana já várias vezes tem procurado — isto hoje consta de documentos, é coisa provada repetidamente — dificultar o esforço brasileiro de emancipação nesse terreno. Resumindo grosseiramente as coisas: a diplomacia americana no Brasil tem servido à Standard Oil; e esse truste, muito naturalmente, não tem interesse algum em nos ajudar, mas em ajudar a si mesmo.

Sou dos que confiam na Petrobrás, mas não cegamente. Em seu pouco tempo de existência ela apresenta progressos realmente espetaculares. Nada nos pode garantir, entretanto, que esses progressos continuem em um ritmo satisfatório, em vista das incertezas naturais desse tipo de indústria. Qualquer proposta da Rússia ou de qualquer outro país que nos ajudasse realmente a acelerar o desenvolvimento da indústria sem afetar nossa soberania nacional deveria ser estudada com a máxima atenção — sem levar em conta os interesses da Standard Oil, mas exclusivamente os de nosso povo. Se a guerra fria entre as duas grandes potências se fizer no terreno da competição para ajudar as nações subdesenvolvidas, tanto melhor para estas.

Em matéria de petróleo nunca tivemos aliado algum, e ninguém terá o direito de se aborrecer com qualquer negócio que fizermos com terceiros.